

**Consumo e Materialismo Histórico: Novas Perspectivas do Marxismo Aplicado à
História**

Milena Fernandes de Oliveira

Resumo O presente artigo tem a intenção de repensar a Teoria Materialista da História trazendo outras visões sobre o conflito social, em especial as que trabalham sobre o consumo, objeto de estudo relegado por Marx à esfera do privado. A interpretação do materialismo histórico escolhida é a de Fontana, para quem a Teoria Materialista não é somente uma lei do movimento das estruturas produtivas, mas, principalmente, uma poderosa interpretação da História que reorganiza o passado com o propósito de reinterpretar o presente e então propor um projeto para o futuro.

Nossa intenção, ao revisar a teoria materialista da história, foi a de acrescentar uma dimensão simbólica e cultural, bem como a de pensar os conflitos a partir desta dimensão, contribuindo para a perpetuação de seu rigor analítico e de seu poder revolucionário.

Palavras-chave: materialismo histórico, consumo, conflitos sociais, movimento da História.

I. Introdução: o consumo em Marx

A intenção deste trabalho é a de refletir como alguns trabalhos sobre o consumo podem contribuir para o avanço da teoria materialista da história, endossando a idéia de que as lutas de classe se travam não somente do ponto de vista da produção, mas são permanentemente reiteradas na esfera do consumo. Isso significa que, para além de uma base concreta, as lutas de classes adquirem uma dimensão simbólica, cultural, que serve para reafirmar ou diluir os limites entre as classes.

A idéia é a de fazer um apanhado metodológico organizando-o a partir de uma visão bastante particular da História e do materialismo histórico: a de Josep Fontana. Para Fontana, uma teoria da História deve servir para dar sentido aos fatos históricos sem, no entanto, isolá-los do presente; ao contrário, é exatamente a organização destes fatos a partir de um instrumento racionalizador, que não prescindia da ideologia, que não somente dá sentido ao presente como pretende ultrapassá-lo, propondo projetos alternativos para o futuro.¹ Dessa forma, “O materialismo histórico não pode ser reduzido a uma suma – nem à síntese reelaborada – de uma série de autores e influências intelectuais, porque não deve ser definido

¹“Toda visão global da história constitui uma genealogia do presente. Selecciona e ordena os fatos do passado de forma que conduzam em sua seqüência até dar conta da configuração do presente, quase sempre com o fim, consciente ou não, de justificá-la”. (Josep Fontana. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, Edusc, 1998, p. 10).

a partir das idéias que compõem sua visão de mundo e o seu programa, *mas sim, a partir de seu propósito de transformar o mundo e dos seus métodos que se propõem a alcançá-lo*”.²

No momento em que Marx escrevia seus primeiros apontamentos para o que depois seria uma teoria revolucionária da História, o que saltava aos olhos eram as transformações de duas revoluções industriais. Os capítulos históricos de *O Capital* deixam claro que a passagem da manufatura para a grande indústria representou não somente uma transformação técnica radical, mas, principalmente, a perda de domínio dos instrumentos da produção e do processo de trabalho da parte do trabalhador. Uma enorme massa colocava então à disposição do capital sua capacidade de trabalho para ser explorada. E é essa exploração que é o fundamento de uma nova relação social: a relação capital-trabalho.

É um erro pensar que, nesta análise centrada na produção, Marx teria discriminado o consumo. Na verdade, a produção é o elemento revolucionário óbvio do momento, o que não quer dizer que, na esfera do consumo também não se estivessem processando mudanças radicais. Algumas considerações de Marx ao consumo deixam isso muito claro: “There is no production without a need, but consumption re-creates the need. Consumption without an object is no consumption, therefore, production creates, produces consumption. *For one thing*, the object is not simply an object in general, but a particular object which must be consumed in a particular way, a way determined by production”.³

Vê-se a partir do trecho anterior que existe uma relação fortíssima não somente de complementaridade, como de identidade entre produção e consumo. Para Marx, o consumo pertence à esfera do privado, à esfera do indivíduo, à esfera da não economia; representa o momento em que o produto deixa o seu movimento social para atingir sua dimensão última subjetiva: “in consumption *the product leaves this social movement*, it becomes the direct object and servant of an individual need, which its use satisfies consumption, as the concluding act, which is regarded not only as the final aim but as the ultimate purpose, falls *properly outside the sphere of economy*.”⁴

As transformações radicais na produção tinham tornado a economia o *locus* favorecido para o estudo das relações sociais. O consumo, claro, dependia das “relações dos indivíduos entre si”, mas segundo o autor, o consumo não podia abranger a totalidade porque se situava “fora da economia, fora do movimento social do produto”. A produção é quem criava a necessidade de consumir e o modo de consumir. As relações sociais estavam já postas no

²Fontana, op Cit, p. 141.

³Karl Marx. “Critique of Political Economy”. Appendix I. “Introduction to a Contribution to the Critique of Political Economy”. Chapter 1 of *The Grundrisse*.

⁴Marx, op Cit

âmbito da produção e o consumo em nada alteraria tais relações já estratificadas por aquela. O refinamento desta análise entre produção, relações sociais e o movimento da história, somente esboçada nos *Grundrisse*, atingirá seu ápice com a publicação do primeiro volume de *O Capital* em 1867.

De um outro lado da sociedade européia do terceiro quarto do século XIX, outras questões sobre o consumo, vistas de um ângulo diferente, são levantadas. Em 1860, o inglês William Stanley Jevons começa suas primeiras reflexões sobre a teoria da utilidade, publicada em 1871 no *Theory of Political Economy*. No mesmo ano, o austríaco Carl Menger publica seu *Principles of Economics* em 1871. Por fim, em 1874, o francês Walras publicava *Elements of Pure Economics*, onde apresentaria o núcleo da Teoria do Equilíbrio Geral.

Estas três obras comporiam a chamada *Revolução Neoclássica ou Marginalista*. Os marginalistas não somente mantiveram o consumo na dimensão individual, como isolaram o indivíduo de qualquer influência social ou coletiva. A teoria do consumo em Economia, herdeira da teoria marginalista, toma como base a maximização da satisfação individual, podendo esta ser mudada a partir de alterações marginais nas quantidades dos elementos que compõem as cestas de consumo dos indivíduos.

Se voltarmos a Fontana, que reinterpreta o materialismo histórico a partir da época vivida por Marx, bem como dos debates travados entre este e seus coevos, poderemos elucidar o porquê de sua postura irredutível diante da base produtiva enquanto recorte de análise. Para Marx, é dentro desta que se definem as classes e as relações sociais que aquelas travam entre si, relações conflitivas que movimentam a história: “na produção social de sua existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento das suas forças produtivas e materiais. *O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral*”.⁵ Ao contrário da produção, o consumo não expressaria uma relação entre classes, mas a relação entre indivíduos ou do indivíduo consigo mesmo. O consumo finaliza a produção, mas é por ela direcionado uma vez que esta cria os instrumentos e, com estes, os seus usos, que só receberão uma forma subjetiva ao serem consumidos.

As obras de Marx e sua interpretação da História são-lhe totalmente coerentes. Esta posição diante do passado funda um sentido inteiramente novo para o presente, uma compreensão para este, e, ao mesmo tempo, um paliativo, para a exploração e para a

alienação. E como toda interpretação da História que se pretende consistente, também ali é proposto um projeto para o futuro em que se veria tal exploração extirpada do seio da sociedade a partir do triunfo do socialismo.

II. Consumo e Escola Crítica

Na década de 30, um conjunto de críticos neomarxistas debruçou-se sobre as questões do capitalismo contemporâneo que não haviam sido ainda pensadas. Reuniram-se no Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) de Frankfurt e fundaram o que depois, sob a direção de Marx Horkheimer, seria chamada de Escola Crítica.

Estes estudiosos pretendiam fazer uma síntese crítica utilizando elementos da *Teoria Marxista*; da *Teoria Weberiana*; da *Teoria Freudiana*; reflexões sobre o modernismo estético e a crítica à indústria cultural e à cultura de massas. A síntese culmina na valorização da superestrutura,⁶ no reconhecimento de que a ideologia faz parte das estruturas sociais e de que o desenvolvimento do capitalismo tende a anular a dimensão transcendente que lhe caminha paralela e que dá sentido a uma vida para além da dimensão materialista.

O primeiro autor a ser estudado é Walter Benjamin e o trabalho que mais interessa ao nosso estudo é *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*, publicado em 1936. Em tal trabalho, o autor desenvolve o conceito de *aura*, o elemento ritualístico, religioso e mágico que estaria confinado no interior das obras de arte, e que estabeleceria uma ligação com o primitivo, com as antigas estruturas de poder históricas. Tal aura correria o risco de desaparecer a partir da generalização da técnica para todas as dimensões, inclusive as que ainda se conservavam transcendentais. Seu desaparecimento poderia ter duas conseqüências: conduzir a sociedade a uma era em que a prática política substituiria a catarse provocada pelos elementos tradicionais presentes no interior obra de arte ou ao caos no caso da derrota da prática política pelo fascismo. O primeiro caminho levaria ao comunismo; o outro, à estetização da política e, finalmente, à manipulação dos espetáculos políticos pelo fascismo: “*Fiat ars – pereat mundus*, says Fascism. This is evidently the consummation of “l’art pour l’art.” Mankind, which in Homer’s time was an object of contemplation for the Olympian gods, now is one for itself. This is the situation of politics which Fascism is rendering aesthetic. Communism responds by politicizing art”.⁷

⁶ “The transformation of the superstructure, which takes place far more slowly than that of the substructure, has taken more than half a century to manifest in all areas of culture the change in the conditions of production. Only today can it be indicated what form this has taken”. (Walter Benjamin. *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction* (1936). <http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/ge/benjamin.htm>.

⁷ Benjamin, op Cit.

A crítica de Adorno ao amigo e colega filósofo era a de que com o desaparecimento da *aura*, desapareceria também a possibilidade criativa dos sujeitos e, com ela, a via revolucionária. Esta sua crítica tomou formas mais definidas com o seu livro *Minima Moralia*⁸ escrito durante a Segunda Guerra Mundial durante o exílio nos Estados Unidos.

Ainda fiel às aplicações do pensamento marxista formuladas por Benjamin, Adorno elabora sua posição crítica ante a sociedade de massas. Para este autor, o desaparecimento da *aura* estaria relacionado à dimensão adquirida pela sociedade de consumo capitalista e pela hipertrofia da indústria cultural.

A Escola de Frankfurt, embora não tenha formulado nada diretamente sobre o consumo capitalista, deixou como herança importantes instrumentos para sua compreensão. Geração que nasceu das perturbações da virada do século e passou por duas guerras mundiais, o que os preocupava era o avanço rápido e devastador do capitalismo. Tal avanço conduziria à perda da transcendência que ainda permeava o mundo, e esta, ou era vista como perniciosa, como no caso de Benjamin, ou como um elemento salvador, como em Marcuse, Horkheimer e Adorno, que, para além da sociedade de massas era o único elemento capaz dar um sentido espiritual a um mundo ultra-materialista e autoritário.

A partir de suas visões de mundo e de História e da interpretação que ofereceram ao presente belicoso em que viviam, os críticos frankfurtianos foram grandes teóricos do mundo capitalista e fundadores das reflexões sobre a modernidade capitalista, a dimensão que lhe é transcendente.

O avanço da sociedade e do consumo de massa, da indústria cultural, da técnica tende a anular o conflito entre estas duas dimensões, enfraquecendo a dimensão moderna. A *tecnicização* crescente da sociedade e seu contraponto do lado do consumo, a individualização levada ao paroxismo, prepara o campo para o autoritarismo: “La technicisation a rendu précis et frustes les gestes que nous faisons, et du même coup aussi les hommes. Elle retire aux gestes toute hésitation, toute circonspection et tout raffinement. Elle les plie aux exigences intransigeantes, et pour ainsi dire privées d’histoire, qui sont celles des choses.”⁹

O capitalismo então avançara e novas interpretações do passado explicativas do presente abriam espaço para novos projetos para o futuro, ainda não muito distantes do sonho socialista.

⁸Theodor W. Adorno. *Mínima Moralia: Réflexions sur la vie mutilée*. Traduction Eliane Kaufholz. Paris, Petite Bibliothèque Payot, 2003.

⁹Adorno, op Cit, pp. 48-49.

III. Interpretações da sociedade de consumo na década de 60

Em 1968, ainda durante as agitações de maio na França, Henri Lefebvre publica *La vie quotidienne dans le monde moderne*.¹⁰ Filósofo marxista e, não podendo deixar de ser influenciado pelo calor das agitações estudantis, o autor constrói o conceito de *cotidianidade* impregnado de boa dose de conceitos marxistas.

Para Lefebvre, o surgimento da cotidianidade, que começara na literatura da virada do século, expressava uma diluição do tempo a partir da supervalorização dos acontecimentos antes corriqueiros: “Ce qui se déploie, c’est donc le temps. Le temps c’est le temps du changement. Pas celui de telle modification locale, partielle: celui des transitions et transitoites, celui des conflits. Le temps, ce temps-là avec sa fluidité et sa continuité, sa lenteur. L’histoire d’un jour englobe celle du monde et celle de la société. Ce temps dont la source ne se dévoile jamais se symbolise perpétuellement (...)».¹¹

A partir da invenção do cotidiano, as pequenas ações tomam uma dimensão sensitiva que o transporta para uma outra dimensão do tempo, a dimensão do tempo simbólico, do tempo da memória, do gosto pelo supérfluo: “Le quotidien entre en scène, revêtu de l’épique, masques, costumes et décors. L’inventaire du quotidien s’accompagne de sa négation par le rêve, par l’imaginaire, par le symbolisme. L’objet, c’est un super objet. Quant au Sujet, ce Sujet a perdu l’immanence-transcendence substantielle des philosophes».¹²

A invenção do cotidiano apresenta, para Lefebvre, uma nova forma de alienação em razão desta repressão do Sujeito pelos super-objetos. Por um breve momento, o momento do consumo, o sujeito é transportado a uma dimensão cujos valores o tornarão mais forte, mais rico, mais belo: “Lefebvre extends Marx's analysis by discovering new forms of alienation, and arguing that capitalism not only organizes relations of production in an exploitive manner but that every aspect of life is emptied of meaning or significance, which is then purchased back in the form of spectacular commodities. Rather than resolving alienation, consumption is part of the mis-recognition of their alienated state by modern consumers”.¹³

Uma nova e mais ampla contradição no interior da sociedade capitalista emerge: a contradição entre o mundo rápido da técnica e da produção e o mundo lento do cotidiano e do

¹⁰Henri Lefebvre. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris, Gallimard, 1968.

¹¹Lefebvre, op Cit, pp 12-13.

¹²Idem, ibidem, pp. 10-11.

¹³Rob Shields. *Henri Lefebvre: Philosopher of Everyday Life*. London, Sage, 2001.

consumo. São duas dimensões de uma mesma sociedade que se movem em velocidades e tempos diversos, assim como o capitalismo e a modernidade capitalista.¹⁴

Entretanto, a dimensão do consumo que se move lentamente não o assim faz por estar ligada aos valores modernos transcendentais, mas aos valores modernos mundanos. Está ligada ao prazer, ao prestígio, à transposição da realidade concreta para uma realidade de sonhos, de transe. O consumo que, até então, mostrara-se dividido entre as dimensões moderna e capitalista, espiritual e concreta, cultural e econômica, fora vencido pelo mundanismo e, agora, a única indecisão que apresentava era entre a dimensão de valores utilitários e a dos valores mundanos, uma outra faceta da sociedade espetacular. A dimensão lenta da modernidade transmutou-se em uma nova dimensão lenta, a da vida cotidiana, que promove a supervalorização do consumo que estira e supervaloriza o tempo físico. Nos interstícios da vida cotidiana produz-se uma forma de alienação silente e talvez mesmo mais perigosa que a alienação gerada pela produção. Perigosa porque dá a impressão de ter criado uma via inclusiva a partir do consumo, quando, na verdade, produz o seu contrário, a exclusão permanente, travestida da ilusão e da sensação de estar sendo incluído.

À mesma época em que Lefebvre elabora suas teorizações sobre a *vida cotidiana*, Guy Debord escreve seu livro *La Société du Spectacle*.¹⁵ Os dois autores foram muito próximos durante suas participações no grupo *Socialismo e Barbárie* em 1960/1961. Em 1958, Guy Debord já havia liderado a formação da *Internacional Situacionista*, grupo de cunho marxista que criticava os novos avanços do capitalismo e o surgimento da mercadoria em sua forma espetacular como decorrência destes avanços.

Para Debord, a sociedade do espetáculo seria o estado último do capitalismo, o estado em que a mercadoria ganha uma nova grande contradição. O desdobramento da mercadoria chegara a tal ponto de precisar criar novas privações no interior de uma sociedade de abundância para que pudesse continuar o seu movimento. A própria dinâmica capitalista trata então de inventar novas necessidades que voltem a revalorizar o valor de uso: «si la survie consommable est quelque chose qui doit augmenter toujours, c'est parce qu'elle ne cesse de contenir la privation, elle est devenue la privation plus riche, la baisse tendancielle de la valeur d'usage développe une nouvelle forme de privation à l'intérieur de la survie

¹⁴ Vide a obra de Charles Taylor. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo, Ed. Loyola, 1997

¹⁵ Guy Debord. *La Société du Spectacle*. Paris, Éditions Gallimard, 1992.

augmentée. Le consommateur réel devient consommateur d'illusions. La marchandise est cette illusion effectivement réelle, et le spectacle sa manifestation générale ».¹⁶

V. Conclusão

No campo da História, os trabalhos sobre consumo são relativamente recentes e seguem a interpretação de MacKendrick: « The historical community, following the lead of Braudel and the example of McKendrick, has recognized that the « *great transformation* » of the West included not just an « *industrial revolution* » but also a « *consumer revolution* ». This consumer revolution represents not just a change in tastes, preferences, and buying habits, but a fundamental shift in the culture of early modern and modern world. The consumer revolution is now seen to have changed Western concepts of time, space, society, the individual, the family and the state ».¹⁷

Para McKendrick, foi o consumo de cerâmica e seu processo de generalização a partir da I Revolução Industrial, seguida da necessidade contínua de diferenciação por parte de uma pequena aristocracia, que encetou a Revolução no Consumo na Inglaterra de fins do século XVII e começos do XVIII (que antecede e segue paralela à Revolução Industrial): “Esse clima social estimulou, também, os intercâmbios internos, ajudando a produzir o que se denominou de ‘revolução no consumo’, baseada no aumento de uma demanda de massa que se manifestaria, principalmente, nas compras de tecidos e de utensílios domésticos. Os produtos deste comércio eram, freqüentemente modestos, porém, a generalização de seu uso demonstra as grandes mudanças que se haviam produzido nas formas de vida e nos hábitos das pessoas comuns”.¹⁸

Seguindo a mesma linha de McKendrick, outros trabalhos sobre consumo recentemente apareceram na França. Um destes é o *Histoire de Choses Banales* do historiador Daniel Roche, no qual o autor coloca uma reflexão sobre consumo a partir do ponto de vista da história do cotidiano e das transformações por aquele sofridas quando do surgimento das cidades. Estas não somente concentram a atividade comercial, deslocando o foco da produção do campo para a cidade, como também concentram o impulso da criatividade e da invenção.

¹⁶ Debord, op Cit, pp. 41-44.

¹⁷ Grant McCracken. *Culture & Consumption*. Bloomington, Indiana University Press, 1990, p. 3.

¹⁸ Josep Fontana sobre McKendrick. Josep Fontana. *Introdução ao estudo da História Geral*. Bauru, Edusc, 2000, p. 162. De mesma opinião é o historiador David Landes, para quem a revolução nos hábitos de consumo provoca transformações substanciais na estrutura da demanda e de mercado, bases da I Revolução Industrial que ainda não possuía o ímpeto de criar sua própria demanda. (David S. Landes, *The Unbound Prometheus: Technological Change and Industrial Development in Western Europe from 1750 to the Present*. Cambridge, Cambridge University Press, 1969)

Caminhando no mesmo sentido de Daniel Roche e influenciada por McKendrick, Natacha Coquery constrói a relação entre as transformações urbanas no século XVIII e o surgimento de uma nova forma de habitação aristocrática, os *hotéis*. Dentre as transformações urbanas, citamos a transferência da aristocracia do campo para a cidade; as transformações no comércio que já se vinham engendrando durante a Idade Média e que tomam novo impulso neste momento; e as transformações na estrutura de consumo, que alimenta e é alimentada pelas reconfiguração da rede de pequenos comerciantes : « Au XVIII^e siècle, *la capitale est marquée par le marché du luxe, mais plus globalement par une culture nouvelle de la consommation que révèlent la diffusion du demi-luxe, la multiplication des boutiques et l'essor de la presse commerciale.*”¹⁹

A afirmação social da aristocracia de corte fez-se fundamentalmente sobre os novos produtos de luxo vendidos por pequenos comerciantes aos quais a aristocracia tinha um acesso privilegiado, devido aos benefícios do Estado Absoluto a alguns destes. Por outro lado, o consumo de corte era um fator propulsor das atividades comerciais, bem como da produção de artigos especializados, cuja produção fabril ainda era incipiente ou mesmo inexistente: « Certes, les consommations démesurées des aristocrates touchent à tous les domaines: alimentation, habillement, architecture et décoration intérieure, hippisme... Elles illustrent la nécessité du luxe pour les courtisans, vite rejoints dans la course par les élites financières”.²⁰

A importância desta última obra com a qual fecharemos este trabalho reside na ótima conciliação entre Teoria e História: análise dos conflitos de classe presentes na transição do feudalismo para o capitalismo; lutas pela legitimação que se travam através do consumo; e a análise de documental colocada no devido contexto.

Da lição historiográfica de Fontana, retiramos que o materialismo histórico é a teoria da História mais acabada, exatamente porque permite o intercâmbio entre passado presente e futuro. No momento de sua formulação, alguns desdobramentos eram óbvios; outros só se foram mostrar posteriormente. No entanto, a flexibilidade da teoria materialista da História reside exatamente na interpretação da História a partir dos conflitos e, estes, são eternos porque inerentes à natureza humana. O materialismo histórico tem somente a necessidade de ser alimentado, de refazer-se a partir desta permanente viagem que parte do presente, volta-se para o passado e projeta-se então no futuro. A partir desta idéia, deixamos nossa pequena contribuição para a interpretação da história enquanto história das lutas de classes, cujos

¹⁹Natacha Coquery. *Bijoutiers et tapissiers: le luxe et le demi-luxe à Paris dans la seconde moitié du XVIII^e siècle*. Colloque INHA, 17 novembre 2006.

²⁰Natacha Coquery. *L'hôtel aristocratique. Le marché du luxe à Paris au XVIII^e siècle*, Paris, Sorbonne, 1998.

instrumentos de luta são permanentemente renovados e migram da produção para o consumo para então voltarem à esfera produtiva e desbordarem em novas contradições.

Bibliografia

ADORNO, T. W. *Mínima Moralia: Réflexions sur la vie mutilée*. Traduction Eliane Kaufholz et Jean René Ladmiral. Paris, Petite Bibliothèque Payot, 2003.

BENJAMIN, W. *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction* (1936). <http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/ge/benjamin.htm>

COQUERY, Na. *Bijoutiers et tapissiers: le luxe et le demi-luxe à Paris dans la seconde moitié du XVIIIe siècle*. Colloque INHA, 17 novembre 2006.

DEBORD, G. *La Société du Spectacle*. Paris, Éditions Gallimard, 1992.

FONTANA, J. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, Edusc, 1998.

LEFEBVRE, H. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris, Gallimard, 1968.

MARX, K. *O Capital-contribuição à crítica da economia política*. São Paulo, Ed. Ática, 1988.

MCCRAKEN, G. *Culture & Consumption-New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*. Bloomington, Indiana University Press, 1990.